

The background of the cover is a dense, overlapping pattern of colorful fingerprints in various colors including red, orange, yellow, green, blue, and purple. The fingerprints are arranged in a way that they appear to be scattered across the page, with some larger and more prominent than others.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

Dionei Moreira Gomes,
María Alejandra Regúnaga
e Arthur Britta Scandelari
(organizadores)

UnB
Livre

EDITORA
UnB 



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos

The background of the cover is filled with a dense, overlapping pattern of fingerprints in various shades of gray, creating a textured, organic feel.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

Dionei Moreira Gomes,
María Alejandra Regúnaga
e Arthur Britta Scandelari
(organizadores)

 UnB
Livre

EDITORA
UnB 

Coordenadora de produção editorial
Assistente editorial
Revisão

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo
Lara Perpétuo dos Santos
Arthur B. Scandelari, Dionei M. Gomes,
María Alejandra Regúnaga

© 2020 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa,
1º andar – Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte,
Brasília/DF – CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser
armazenada ou reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

D618 Diversidade linguística na América [recurso eletrônico] : línguas
 ameríndias / Dionei Moreira Gomes, María Alejandra
 Regúnaga, Arthur Britta Scandelari (organizadores). – Brasília
 : Editora Universidade de Brasília, 2022.
 v. – (UnB Livre).

Inclui índice.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-5846-132-6 (v. 1).

1. Diversidade linguística. 2. Línguas ameríndias. 3. Tipologia
(Linguística). I. Gomes, Dionei Moreira (org.). II. Regúnaga,
María Alejandra (org.). III. Scandelari, Arthur Britta (org.). IV.
Série.

CDU 811.8



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Apresentação	7
Prefácio.....	10
Introdução	12
Capítulo 1. A marcação de pluralidade nominal em Mehináku (Arawak) 18 <i>Angel H. Corbera Mori</i>	
Capítulo 2. Interpretação fonético-fonológica do Kustenau (Arawak) na perspectiva do método reconstutivo sincrônico..... 48 <i>Angel H. Corbera Mori</i> <i>Jackeline do Carmo Ferreira</i>	
Capítulo 3. Construções possessivas do Kithãulhu e em outras línguas da família nambikwara	80 <i>Sivaldo Correia</i>
Capítulo 4. Gramaticalización en lenguas genéticamente emparentadas: lenguas yuto-aztecas del noroeste de México	119 <i>Zarina Estrada-Fernández</i>
Capítulo 5. Presencia santiagueña en Buenos Aires: aspectos culturales y lingüísticos como marcadores identitarios	154 <i>Marcelo Pagliaro</i> <i>Adriana Speranza</i>

Capítulo 6. Codificación lingüística en las misiones anglicanas de la Patagonia.....	180
<i>María Alejandra Regínaga</i>	
Capítulo 7. Interpretação temporal em orações não finitas em Karitiana: a contribuição do aspecto	229
<i>Ivan Rocha</i>	
Capítulo 8. Sintagmas posposicionais em línguas da família tupí-guaraní: argumentos ou adjuntos? Primeiros passos: Kamaiurá.....	264
<i>Arthur Britta Scandelari</i>	
<i>Dioney Moreira Gomes</i>	
Conclusão	314
Agradecimentos.....	316
Informações sobre os autores	318
Índice Remissivo	326

CAPÍTULO 1

A MARCAÇÃO DE PLURALIDADE NOMINAL EM MEHINÁKU (ARAWAK)

Angel H. Corbera Mori
Universidade Estadual de Campinas

1 Introdução

O Mehináku, ISO 639-3: *mmh*, é uma língua originária da família arawak (aruak) falada por, aproximadamente, 286 indivíduos (ISA, 2017), que se distribuem pelas aldeias de Uyaiyuku, Utawana, Aturua e Kaupüna, além do Posto Indígena de Vigilância (PIV) Kurisevo. Essas quatro aldeias e o PIV Kurisevo se encontram na região da fronteira sul do Parque Indígena do Xingu, no estado do Mato Grosso (MT), Brasil.

As primeiras descrições etnográficas e linguísticas relacionadas aos povos indígenas falantes de línguas arawak do Xingu foram apresentadas pelo médico-psiquiatra alemão Karl von den Steinen, em sua obra “*Entre os aborígenes do Brasil Central*” (*Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*). Esta obra, inicialmente publicada em Alemão (1894), foi traduzida para o Português por Egon Schaden e publicada em 1940, e é resultado das duas expedições científicas que Steinen fez ao Xingu, no final do século XIX, a primeira em 1884 e a segunda entre 1887 e 1888.

Segundo Steinen, as etnias mehináku, kustenáú¹, waurá e yawalapití são Nu-Aruak. Para este estudioso,

¹ O Kustenáú já não existe, possivelmente se extinguiu ou se fusionou com outros povos arawak do Xingu.

poderíamos também reunir numa só tribo os Mehináku, Waurá e Kustenáu. Estas três tribos falam exatamente o mesmo idioma. Constituem também, como veremos, uma só unidade etnológica. Podem [...] serem chamadas tribos ceramistas, palavra que exprime bem o seu distintivo etnológico mais característico. Temos também os Yawalapití, com um idioma bem semelhante. Mas percebe-se, claramente, pelo seu dialeto ser uma tribo Nu-Aruak. (STEINEN, 1940, p. 197-198)

Estudos contemporâneos, que abordam a classificação interna da família arawak, agrupam as línguas Mehináku, Waurá e Yawalapití no grupo Pareci-Xingu, subgrupo Xinguano (AIKHENVALD, 1999), ou no subgrupo oriental (PAYNE, 1991; RAMIREZ, 2001). Segundo Franchetto (2001, p. 118), na classificação interna da família arawak, as línguas alto-xinguanas estariam mais próximas das denominadas maipure norte-amazônicas, sobretudo daquelas faladas na região do rio Negro, e não das pré-andinas (Asháninka, Ashéninka, Nomatsiguenga, Machiguenga, Piro, Iñapari) e meridionais, como o Terena.

É aceito o fato de que as línguas waurá, mehináku e yawalapití têm características em comum, “mas o Yawalapití diverge um pouco mais das outras, que estas entre si” (RODRIGUES, 1986, p. 69). Na mesma direção, Franchetto (2001) considera o Yawalapití como língua à parte, enquanto o Waurá e o Mehináku são tratados como variedades de uma mesma língua. Uma afirmação mais explícita é apresentada por Seki (1999, p. 419, tradução nossa), para quem “Waurá e Mehináku são dialetos de uma língua. O Yawalapití compartilha 80% do vocabulário com o Waurá-Mehináku, mas a gramática é muito diferente, portanto, não há inteligibilidade mútua, e o Yawalapití deve ser considerado como uma

língua à parte”.² Por certo, todas essas afirmações são válidas, pois somos testemunhas diretas de que tanto os Mehináku quanto os Waurá podem manter uma comunicação praticamente fluida entre eles, sem grandes problemas. Contudo, os falantes de ambos esses povos são cientes de que suas línguas apresentam algumas diferenças, sobretudo na fonética e na fonologia, assim como no léxico. Para os Mehináku, os Waurá são os “outros nós” e, por isso, os dois povos se entenderiam quando se comunicam entre si.

Os resultados que estamos obtendo com a nossa pesquisa sobre a documentação e descrição da língua mehináku nos permitem observar que essa língua se comporta gramaticalmente de forma muito semelhante ao padrão morfossintático de outras línguas da família arawak. Nesse sentido, morfológicamente, as palavras em Mehináku se estruturam a partir de uma determinada base categorial, a qual é acompanhada por diversos morfemas funcionais, tanto prefixos quanto sufixos, porém há predominância de sufixos. Vejamos exemplos de construções morfossintáticas em (1):

(1a) aitsa nu-k-itsu-pa-lu-nāu-pai³
NEG 1SG-ATB-filha-EST-FEM-PL-IMPFF⁴
'não tenho filhas'

(1b) ke-me-nēu-pai nu-xe-xu-nāu
ATB-marido-PL-IMPFF 1SG-irmã-FEM-PL
'minhas irmãs são casadas (Lit. minhas irmãs têm maridos)'

² “Waurá and Mehinaku are dialects of one language. Yarwalapiti shares 80 per cent vocabulary with Waurá-Mehinaku but the grammar is very different, so there is no mutual intelligibility and Yarwalapiti has to be considered a separate language” (SEKI, 1999, p. 419).

³ A língua mehináku tem cinco vogais básicas /i, i, u, e, a/, que são representadas, respectivamente, por uma letra do alfabeto latino: (i, ü, u, e, a). Cada uma dessas vogais pode ser nasalizada, sendo a nasalização representada na escrita pelo diacrítico (~) sobre a vogal. Da mesma forma, cada um dos treze fonemas consonantais dessa língua /p, t, k, ts, tʃ, ʃ, h, m, n, l, r, w, j/ é representada por uma letra ou por dígrafos, considerando o alfabeto latino, a saber: <p, t, k, ts, tx, x, h, m, n, l, r, w, y>.

⁴ Há uma lista de abreviaturas ao final do capítulo.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

- (1c) k-ayaya-ka-waxü-pai kata tü-nexu-wi-ku
ATB-fala-VBLZ-verdadeiro-IMPF DEM CLF.cilíndrico-FEM-PERF-DCL
'essa moça fala muito'

Sintaticamente, a ordem dos constituintes maiores em construções com verbos transitivos organiza-se, basicamente, seguindo o padrão AVO, como em (2a-c):

- (2a) kxüü äitxa-pai ata ü-täi
tucano comer-IMPF árvore 3SG-fruto.DIM
'o tucano está comendo frutinha' ~ 'o tucano come frutinha'

- (2b) teme i-ya-tuka-la unü
anta 3-ir-beber-FUT água
'a anta irá beber água'

- (2c) uwa-pühü äitxa-pai yanumaka kamäi
urubu-COL.PL comer-IMPF onça morto
'um bando de urubus está comendo a onça morta'

Em orações com verbos intransitivos, a ordem mais recorrente é SV, como se vê nos exemplos (3a-d):

- (3a) ünēune i-ya a-tulu-ka-la
homem 3-ir VBLZ-festa-VBLZ-FUT
'o homem vai dançar na festa'

- (3b) aitsa nu-pawa a-humai-tsa-pai
NEG 1-primo VBLZ-velocidade-VBLZ-IMPF
'meu primo não está correndo'

(3c) yamukuhĩ hü-maku-pai ata ütepu-wa-hã
criança VBLZ-rede-IMPF árvore debaixo.de-LOC-ENF
'a criança está dormindo debaixo da árvore'

(3d) tü-nexu ehexu-wa pãĩ ümüna-wa-hã
CLF.cilíndrico-FEM esconder-REFL casa atrás.de-LOC-ENF
'a mulher escondeu-se atrás da casa'

A estrutura do capítulo é a seguinte: na seção 2, abordamos brevemente as características da pluralidade nominal nas línguas; na seção 3, considera-se a pluralidade nominal em línguas da família arawak, sobretudo a categoria número na língua mehináku; os morfemas que funcionam como coletivizadores são descritos na seção 4; e os morfemas marcadores de quantificação, na seção 5; no final do capítulo, incluem-se as conclusões e as referências citadas no corpo do texto, seguidas pelas abreviaturas.

2 A pluralidade nominal

Nas línguas naturais distribuídas pelo mundo, a categoria de número pode envolver diversos valores, que vão desde a marcação de número gramatical – por exemplo, para se referir a uma ou mais entidades, estabelecer a distinção entre itens contáveis (evidenciada na gramática de uma língua entre nomes que ocorrem no singular e nomes que ocorrem no plural) e itens não contáveis (nomes não suscetíveis de numeração) – e o uso de coletivos (conjunto de seres ou objetos de uma mesma espécie) até o uso de determinados traços que caracterizam as propriedades inerentes das entidades. Há línguas, por exemplo, que se caracterizam por ter determinados nomes que não podem ser usados em número singular, uma vez que esses nomes, inerentemente, denotam um conceito plural e costumam ser marcados pela concordância de número na sintaxe da

língua, como ocorre com palavras do Inglês: *jeans, pyjamas, headphones, Police, cattle, stars*. Em outros casos, há nominais que sempre ocorrem na forma do singular e não possuem uma forma no plural, que é o caso de palavras do Inglês como *dust, wealth, sheep*.

Segundo Corbett (2000, 2012), a distinção da categoria de número mais comum é a oposição que existe entre singular e plural. Geralmente, a forma não marcada representa o singular, e o plural é derivado mediante um morfema flexional que se soma à base no singular. Contudo, não é incomum encontrar sistemas que se referem a entidades nos seguintes termos: *dual*, para se referir a duas entidades do mundo real; *trial*, três entidades do mundo real; e *paucal*, para se referir a um número pequeno de entidades distintas do mundo real, podendo ser interpretado em termos de ‘poucos’ em contraste com ‘muitos’ (por exemplo, ‘*poucos* alunos vieram para a aula de hoje’ *versus* ‘*muitos* alunos já viajaram’). Conforme Corbett (2000, p. 25), a categoria de número paucal tem sido encontrada em línguas com um sistema complexo que apresentam até quatro valores em termos de dual, trial, quadral e paucal, como é o caso do Lihir, uma língua austronesiana falada nas Ilhas Lihir da Nova Irlanda, Papua-Nova-Guiné.

Com efeito, a categoria gramatical número, na qual se situa o conceito de pluralidade, se relaciona à análise das palavras de uma língua que se diferenciam, geralmente, por meio do contraste entre singular, plural, dual, paucal (poucos). Por exemplo, no Português há oposição entre os números singular (não marcado) e plural (marcado pelo sufixo *-s*), como nas palavras *cachorro* (SG) *versus* *cachorro-s* (PL) e ‘*ele* joga bola’ *versus* ‘*ele-s* jogam bola’.

Uma propriedade semântica relevante para a ocorrência do número nas línguas é a subcategorização dos nomes em contáveis e não contáveis. Os nomes contáveis se caracterizam por aparecer em categorias de contabilidade e de pluralização. Para os nomes considerados não contáveis, denominados também nomes de massa, essas duas características não se aplicam.

Por exemplo, pode-se dizer ‘precisa-se de *mais sangue* para o paciente’, mas resulta agramatical a construção *‘precisa-se de *mais sangues* para o paciente’.

Quando o número é marcado morfologicamente nas categorias nominais, ele se manifesta de diversas formas. Assim, os nominais contáveis podem depender dos valores de animacidade e obrigatoriedade (HASPELMATH, 2013). O valor de animacidade permite estabelecer a distinção entre nomes animados e não animados. Entre os nomes com o valor [+ANIMADO], salientam-se aqueles que são definidos como [+HUMANO], em oposição aos nomes que têm a propriedade de [-HUMANO]. A dimensão de obrigatoriedade, segundo Haspelmath (2013), relaciona-se com a não ocorrência, a ocorrência obrigatória, ou, ainda, a opcionalidade de ocorrer a marcação morfológica da pluralidade nominal. Com base na combinação dessas duas dimensões, Haspelmath (2013) reconhece seis possíveis valores que, aplicados inicialmente a 291 línguas, resultam nos números mostrados no Quadro (1):

Quadro 1. Codificação da pluralidade nominal

1	Plural em todos os nominais, sempre obrigatório	133
2	Plural em todos os nominais, sempre opcional	55
3	Plural somente em nominais humanos, obrigatório	40
4	Sem nominal plural	28
5	Plural somente em nominais humanos, opcional	20
6	Plural em todos os nominais, opcional em nomes inanimados	15
Total		291

Fonte: HASPELMATH, 2013.

Haspelmath (2013) faz a ressalva de que há uma possível exceção a essa generalização, o fato de que nominais mais humanos sejam mais propensos a terem marcação de plural do que os nominais não humanos, sobretudo os nominais caracterizados pelo traço inanimado. Nesse sentido, outras três possibilidades lógicas podem ser somadas:

7. Plural somente em nominais inanimados, obrigatório;
8. Plural somente em nominais inanimados, opcional;
9. Plural em todos os nominais, opcional em nominais humanos.

No entendimento de Haspelmath (2013), desses três tipos logicamente possíveis, não são atestados plurais inanimados que sejam mais amplos que os correspondentes plurais de itens com a propriedade [+HUMANO].

Conforme Dryer (2013), as línguas usam duas estratégias principais para indicar plural: i) a mais comum é a ocorrência de uma forma morfológica no nome, geralmente um afixo flexional (sufixos e prefixos); e ii) mediante um morfema que pode ocupar qualquer posição no sintagma nominal. Nesse caso, o morfema é uma palavra funcional independente, cuja função é semelhante à dos afixos que indicam pluralidade (DRYER, 1989), ou seja, um “morfema cujo significado e função são semelhantes aos de afixos plurais em outras línguas, mas que é uma palavra independente cuja função é ser um modificador do nome” (DRYER, 1989, p. 865, tradução nossa).⁵ Palavras plurais ocorrem principalmente em línguas austronesianas, como: Yapese, Hoava, Tagalog, Unua, entre outras.

Entre os valores para indicar a pluralidade morfológica nominal, Dryer (2013) considera o caso da reduplicação parcial como recurso

⁵ “*morpheme whose meaning and function is similar to that of plural affixes in other languages, but which is a separate word that functions as a modifier of the noun*” (DRYER, 1989, p. 865).

morfológico semelhante aos afixos, prefixos ou sufixos, dependendo se é o segmento inicial ou o segmento final da base que se reduplica; enquanto a reduplicação total é vista como processo separado. De um total de 1066 línguas consideradas no estudo de Dryer (2013), os valores de marcação de plural atestados foram aqueles que se mostram no Quadro (2):

Quadro 2. Marcas de plural⁶

1	Sufixo plural	513
2	Palavra plural	170
3	Prefixo plural	126
4	Sem marca de plural	98
5	Clítico plural	81
6	Plural morfológico sem método primário	60
7	Plural por reduplicação completa da base	8
8	Plural por mudança da base	6
9	Tom	4
Total		1066

Fonte: DRYER, 2013.

Além dos valores citados nos quadros (1) e (2), é relevante considerar que nas línguas, por um lado, um determinado nome pode ocorrer formalmente em singular (*singularia tantum*), mas denotar um significado que engloba uma multiplicidade ou distribuição de entidades. Por exemplo, a palavra *alcateia* (nome coletivo), que se refere a lobos inseridos individualmente em uma coletividade, assim como *enxame*, que se refere ao

⁶ Nesse quadro, os valores 2 (palavra plural) e 5 (clítico plural) têm a função de indicar pluralidade, mas são processos que não se manifestam morfológicamente. Por outro lado, o valor 4 (sem marca de plural) faz referência a línguas que não dispõem de nenhum marcador de plural no nome. Nesse caso, a pluralidade pode ser interpretada a partir do contexto, ou, ainda, a pluralidade do referente nominal poderia ser codificada no verbo, se esse nominal for argumento do verbo correspondente.

conjunto de abelhas em uma colmeia. Por outro lado, há também nomes que formalmente parecem indicar plural (*pluralia tantum*), mas cujos significados são estritamente singulares, como nas palavras do Português *anais*, *parabéns*, *núpcias*, entre outras. Outras características relevantes desse tipo de nomes podem ser consultadas em Corbett (2000, 2012).

O presente estudo é, então, uma abordagem inicial relacionada à codificação de pluralidade nominal no Mehináku, uma língua originária da família arawak falada no Parque Indígena do Xingu, especificamente na região do Alto Xingu (MT).

3 A pluralidade nominal em línguas arawak

Conforme Aikhenvald (1999, p. 84) aponta, todas as línguas da família arawak apresentam distinção de número singular e plural nos nomes. Para a autora, os marcadores típicos são reflexos dos morfemas do “proto-Arawak **-na /-ni* ‘plural animado/humano’, **-pe* ‘plural inanimado/animado não humano’”.

Taylor (1976), no seu artigo “*The nominal plural in Arawak*”, afirma que, na língua arawak, o plural é marcado por um dos vários morfemas existentes, sendo o principal o sufixo *-no*, e seus respectivos alomorfes, além dos sufixos *-be* e *-kbo*. A indicação de pluralidade ocorre, sobretudo, mas não necessariamente, nos nomes com valor [+HUMANO]. Estes nominais, ao ocorrerem no plural, levam o marcador *-no*, um sufixo que espelha variação livre com seu alomorfe *-non*, em posição final de palavra, como na palavra *dinthei-non* ‘tio-PL’, derivada de *dinthei* ‘tio-SG’ (TAYLOR, 1976, p. 371). Outro marcador de plural, o sufixo *-be*, se usa para pluralizar nomes subcategorizados pelo traço [-ANIMADO], como em *áda-be* ‘árvore-PL’. Esse sufixo também pluraliza nomes com a propriedade [+ANIMADO, -HUMANO], como na palavra *anoána-be* ‘abutre-PL’ (TAYLOR, 1976,

p. 373). O terceiro morfema *-kbo*, ao que tudo indica, serve para indicar coletividade, não sendo considerado propriamente um indicador de pluralidade. Assim, os falantes da língua arawak usam a palavra *ibíro-kbo* ‘pequeno-PL’, para se referir a ‘bebês gêmeos’ (TAYLOR, 1976, p. 373).

Em Yine, língua da família arawak falada na região da Amazônia peruana, segundo Hanson (2010), os nominais podem ocorrer marcados ou não, de acordo com a categoria de número. Quando o nome ocorre sem marcador algum, este é interpretado como singular, mas quando os nomes ocorrem com o sufixo *-ne*, eles são interpretados como plurais. A marcação com o sufixo *-ne* ‘plural’ é obrigatória somente em nominais com traço [+HUMANO]. Esse sufixo também pode se manifestar em nominais que inerentemente podem ser caracterizados pelo traço de animacidade. Segundo a autora, “quanto mais animado o referente, maior a probabilidade de ele receber a marcação de número” (HANSON, 2010, p. 128, tradução nossa).⁷ É o que nos mostram os seguintes exemplos retirados da tese de Hanson (2010, p.128):

- | | | | | |
|-----|----|-------------|---------------|-----------------------|
| (4) | a. | çeeçi-ne | ‘men’ | ‘homens’ |
| | b. | nomole-ne | ‘my brethren’ | ‘minha irmandade’ |
| | c. | kjıyoçrı-ne | ‘caimans’ | ‘jacarés’ |
| | d. | sotlı-ne | ‘rocks’ | ‘rochas’ ⁸ |

Em Machiguenga, outra língua arawak também falada na região pré-andina da Amazônia peruana, o número plural é marcado pelo sufixo *-egi*. Esse sufixo é usado principalmente para indicar mais de uma pessoa, enquanto o sufixo *-page* se usa para indicar “um plural ou uma variedade de coisas” (SNELL, 1998, p. 29). Os seguintes itens em (5) e (6) mostram a ocorrência desses sufixos:

⁷ “the more animate the referent, the more likely it will receive number marking” (HANSON, 2010, p. 128).

⁸ Sabe-se que o nome ‘rochas’, em línguas arawak como Machiguenga e Piro, é visto como animado, fato que o diferencia de outras línguas, sobretudo das indo-europeias.

Sufixo -egi

(5)	tsinane	‘mulher’	tsinanane-egi	‘mulheres’
	notomi	‘meu filho’	notomi-egi	‘meus filhos’
	matsigenka	‘pessoa’	matsigenka-egi	‘muitas pessoas’

Sufixo -page

(6)	pankotsi	‘casa’	pankotsi-page	‘várias casas’
	oshita	‘esteira dela’	oshita-page	‘esteiras dela’
	tsimeri	‘pássaro’	tsimeri-page	‘vários tipos de pássaros’

Também na língua paresi, segundo Brandão (2014), o sufixo *-nae* ‘morfema de plural’ ocorre obrigatoriamente somente em nominais [+HUMANO], porém, em determinados contextos, ele pode também ser interpretado na função associativa (BRANDÃO, 2014, p. 155). Para os nomes com a propriedade [+ANIMADO, -HUMANO] e aqueles vistos como inanimados, a marcação de pluralidade não é obrigatória. Contudo, nomes dessa característica estão mais propensos a ser marcados pelo morfema *toli* ‘coletivo’ (BRANDÃO, 2014, p. 157, 160).

Em Baure, língua arawak ameaçada de extinção e falada na região nordeste da Amazônia boliviana, ocorre a distinção morfológica entre singular e plural (DANIELSEN, 2007). O singular não é marcado, mas o plural dos nomes é indicado pelo sufixo *-nev*, que se junta a todos os tipos de nominais contáveis, incluindo os adjetivos (DANIELSEN, 2007, p. 127, 165). A ocorrência do marcador *-nev* ‘plural’ em adjetivos pode ser vista em (7a) e (7b):

(7a)	t’anev
	ti-a-nev
	pequeno-CLF.animal-PL
	‘animais pequenos (cachorros, porcos, etc.)’

- (7b) ntí' nimon Paš to čáčanev
 ntí' ni=imon po-a-š to č-a-ča-nev
 1SG 1SG=comprar um-CLF.animal-um ART grande-CLF.animal-AU-PL
 'eu compro um dos grandes (porcos)'

(DANIELSEN, 2007, p. 165)

Postigo (2014), em sua tese sobre o Waurá, uma língua muito próxima ao Mehináku, descreve que os nomes, tanto animados quanto inanimados, não levam marcadores morfológicos para indicar a categoria de número. Para ela, na língua waurá, “os nomes não apresentam marcas morfológicas de singular, dual ou plural. Entretanto, para quantificar os elementos, a língua faz uso de numerais, expressões numéricas, palavras quantificadoras e, morfológicamente, coletivizadores sufixados aos nomes” (POSTIGO, 2014, p. 142). Condizente com a autora, os marcadores que indicam coletivo podem ser agrupados como apresentado no Quadro (3):

Quadro 3. Coletivizadores em Waurá

COLETIVIZADORES			
Inanimados		-taku ~ -tsaku	'plantação/conjunto de...'
Animados	não humanos	-pahi	'conjunto de animais'
		-tupa	'conjunto de animais, localizados em um determinado lugar'
	humanos	-nāw	'grupo de...'

Fonte: POSTIGO, 2014, p. 142.

Ainda que o Wauja (Waurá) seja muito próximo da língua mehináku, nem todas as observações apresentadas por Postigo (2014) se aplicam taxativamente ao Mehináku, fato que será mostrado na seção 3.1, a seguir.

3.1 A categoria número na língua mehináku

A categoria número em Mehináku não tem valor de obrigatoriedade (HASPELMATH, 2013), ela é opcional e ocorre quando um determinado item nominal requer ser concretamente explicitado para a categoria número. Nesse caso, o indicador de pluralidade pode ser marcado pelos sufixos *-nāu* e *-tüpe*, enquanto o singular ocorre sem um marcador específico. Cada um desses morfemas é brevemente descrito nas seções subsequentes.

3.1.1 O morfema *-nāu*

Este morfema é um sufixo que ocorre preso aos nomes com o valor [+ANIMADO], os quais incluem, sobretudo, nominais referidos a humanos. Em determinados casos, ocorre também com termos referidos a animais, aparentemente quando não são conceituados como coletivos. A forma básica do marcador de pluralidade é representada pelo sufixo *-nāu*, que tem suas realizações alomórficas como *-nēu*, *-yāu* e *-ñāu*. O alomorfe *-nēu* se dá por harmonia vocálica, quando a última vogal da base no singular termina na vogal coronal /e/. Os outros dois alomorfes variam entre as consoantes [j ~ ɲ], quando a forma base no singular termina na vogal coronal /i/. As seguintes palavras são exemplos do uso desse marcador.

Plural em nominais [+HUMANO]

(8)	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>	<i>Glosas</i>
a.	tünexu	tünexu-nāu	‘mulher’
	enüxa	enüxa-nāu	‘homem’
	waxayu	waxayu-nāu	‘índio’
	pütaka	pütaka-nāu	‘convidado’
	yatama	yatama-nāu	‘pajé’

b.	-üxe	-üxe-nëu	‘irmão’
	nu-tanule	nu-tanule-nëu	‘primo’
	n-iyë	n-iyë-nëu	‘meu genro’
	nu-pekuyete	nu-pekuyete-nëu	‘meu parente’
c.	püxu-lu-i	püxu-lu-i-yãu	‘namorada’
	aripi	aripi-yãu	‘velha’
	tami-tsuwĩ	tami-tsuwĩ-jãu	‘sobrinha’
	enüxa-tãĩ	enüxa-tãĩ-jãu	‘garoto’
	heküyã	heküyã-jãu	‘antepassado’

Plural em nominais [+ANIMADO, -HUMANO]

(9)	upi	upi-jãu	‘pato’
	uwi	uwi-jãu	‘cobra’
	teme-pi	teme-pi-jãu	‘jiboia’
	pahü	pahü-nãu	‘macaco’
	yanumaka	yanumaka-nãu	‘onça’
	küxu	küxu-nãu	‘tucano’
	teme	teme-nëu	‘anta’
	ayuwe	ayuwe-nëu	‘jabuti’
	yupe	yupe-nëu	‘tamanduá’

Os seguintes exemplos adicionais complementam o uso desse marcador:

(10a)	nu-pekuyete-nëu	kata	ünëuneu-nëu-hã,	üxe	upawa-nãu
	1SG-amigo-?-PL	DEM	peessoa-PL-ENF	DEM	outro-PL
	nu-pene-nëu				
	1SG-parente-PL				
	‘estas pessoas são meus amigos, essas outras são meus parentes’				

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

- (10b) enüxa-nãu putaka-naku-nãu-pai⁹ kautai-pia
homem-PL aldeia-LOC-PL-IMPF doença-3.PL
'os homens das aldeias estão doentes'
- (10c) tũ-nexu-nãu ü-tuma-la üxe-hã
CLF.cilíndrico-FEM-PL 3-trabalho-POSS DEM-ENF
xa upawa yamukutüpa-nãu ü-tuma-la-hã
DEM outro rapaz-PL 3-tarefa-POSS-ENF
'este é trabalho das mulheres, aquele é tarefa dos jovens'
- (10d) hauka-tãi-yãu elele-pei amunuya-hã
bebês-DIM-PL chorar-IMPF muito-ENF
'os bebezinhos choram muito'

O sufixo *-nãu* também pode se juntar aos pronomes pessoais. O paradigma do sistema pronominal de pessoa na língua mehináku se dá como em (11):

(11) **Sistema pronominal de pessoa**

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
	Pessoa-PRO	Pessoa-PRO
1	na-tu	ai-tsu
2	pi-tsu	yi-tsu
3	ene/xãhã	ene/xãhã

Quando esses pronomes estão combinados com o sufixo *-nãu*, os falantes mehináku interpretam-nos com os significados de 'povo', 'turma'. Nesse caso, a adição do sufixo marcador do plural está modificando o significado inicial dos pronomes, como se observa em (12):

⁹ A base nominal *putaka-naku-* 'aldeia-LOC' recebe o morfema *-nãu*, marcador de plural para nomes [+ANIMADO] pelo fato de, nesse caso, a aldeia estar sendo vista como o conjunto de pessoas que moram em um determinado lugar, além de ser correferente ao núcleo nominal.

- (12)
- | | |
|------------|--|
| na-tu-nāu | ‘meu povo’, ‘minha turma’ |
| pi-tsu-nāu | ‘teu povo’, ‘tua turma’ |
| ai-tsu-nāu | ‘nosso povo’, ‘nossa turma’ |
| yi-tsu-nāu | ‘povo de vocês’, ‘turma de vocês’ |
| xāhā-nāu | ‘povo dele/s, dela/s’, ‘turma dele/s, dela/delas’. |

Os nomes de massa – como *üxa-i* ‘sangue’, *heyuw-i* ‘saliva’, *puta-ya-i* ‘muco’, *huyuka-i* ‘diarreia’, *eyũka-i* ‘urina’, *hiyã-i* ‘leite’, entre outros – não são pluralizados. Todos esses seriam interpretados como agramaticais se recebessem o marcador de plural *-nāu*, pois esse sufixo se junta apenas a nomes contáveis.

3.1.2 O morfema *-tüpe*

Esse morfema é um sufixo que se junta a nomes com traço [-HUMANO], que incluem nominais cujos referentes se caracterizam por ser [+/-ANIMADO], como objetos e animais. Quando uma palavra termina na vogal coronal /i/, esse sufixo se manifesta pelo alomorfe *-tsipie*. Nos seguintes dados, se mostra a pluralidade em nomes de objetos e em denominações de partes do corpo:

- (13)
- | <i>Singular</i> | <i>Plural</i> | <i>Glosas</i> |
|-----------------|------------------|----------------|
| itsa | itsa-tüpe | ‘canoa’ |
| küyũ | küyũ-tüpe | ‘cesta’ |
| putaka-naku | putaka-naku-tüpe | ‘aldeia’ |
| wawau | wawau-tüpe | ‘abanador’ |
| yawai | yawai-tsipie | ‘machado’ |
| pāi | pāi-tsipie | ‘casa’ |
| kalütü | kalütü-tüpe | ‘estrela’ |
| ulei | ulei-tsipie | ‘roça’ |
| hexuwākāi | hexuwākāi-tsipie | ‘cocar’ |
| tüüpa | tüüpa-tüpe | ‘pedra’ |
| wüxüku-i | wüxüku-i-tsipie | ‘mão’ |
| nu-tulũ | nu-tulũ-tüpe | ‘minha orelha’ |
| nu-tewe | nu-tewe-tüpe | ‘meu dente’ |

Os dados em (14a-c) são exemplos adicionais que mostram o uso do sufixo *-tüpe* ~ *-tsipie* em frases:

- (14a) *tünexu* *uwa* *alata-tāi-tsipie* *txawak-i-ku*
mulher lavar.PASS panela-DIM-PL ontem-PERF-DCL
‘a mulher lavou todas as panelinhas ontem’
- (14b) *kalapalu-nāu* *ü-wawa-pa* *walu-pi-tsipie*
kalapalo-PL 3-trazer.PASS-PL¹⁰ caramujo-CLF.linear-PL
‘os Kalapalo trouxeram colares’
- (14c) *au-xepi-ra-tüpe* *xāhã*
1PL-banco-POSS-PL aqueles
‘aqueles bancos são nossos’

Em (15), bases nominais subcategorizadas pelos traços [-HUMANO, +ANIMADO], ao receberem o marcador *-tüpe* ou seu alomorfe *-tsipie*, são pluralizadas:

- | | | | |
|------|------------------|------------------------|------------------------------|
| (15) | <i>Singular</i> | <i>Plural</i> | <i>Glosas</i> |
| | <i>iyumu</i> | <i>iyumu-tüpe</i> | ‘mutum’ |
| | <i>yaapa</i> | <i>yaapa-tüpe</i> | ‘paca’ |
| | <i>püküxü</i> | <i>püküxü-tüpe</i> | ‘cutia’ |
| | <i>kupa</i> | <i>kupa-tüpe</i> | ‘carrapato’ |
| | <i>yuwa</i> | <i>yuwa-tüpe</i> | ‘aranha’ |
| | <i>kupüxa-tü</i> | <i>kupüxa-tü-tüpe</i> | ‘ave (vista de forma geral)’ |
| | <i>uwi</i> | <i>uwi-tsipie</i> | ‘cobra’ |
| | <i>keyeriri</i> | <i>keyeriri-tsipie</i> | ‘jararaca’ |
| | <i>teme-pi</i> | <i>teme-pi-tsipie</i> | ‘jiboia’ |
| | <i>walu-pi</i> | <i>walu-pi-tsipie</i> | ‘caramujo’ |
| | <i>nete-i</i> | <i>nete-i-tsipie</i> | ‘piolho’ |
| | <i>imiyëi</i> | <i>imiyëi-tsipie</i> | ‘minhoca’ |

¹⁰ O sufixo *-pa* ‘plural’ que aparece afixado ao tema verbal indica a pluralidade do argumento externo.

O morfema *-tüpe* ~ *-tsipie* também pode ser sufixado a palavras como as listadas em (16):

(16)	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>	<i>Glosas</i>
	apui	apui-tsipie	‘caminho’
	kauki	kauki-tsipie	‘doença’
	aunakĩ	aunakĩ-tsipie	‘história’
	ni-ayala-la	ni-ayala-la-tüpe	‘meu desenho’
	n-apã	n-apã-tüpe	‘minha canção’

Apresentam-se casos em que *-nãu* e *-tüpe* podem coocorrer em uma mesma palavra. Nesses casos, o sentido expresso pela palavra é de coletivo. Cabe dizer ainda que, em todas as ocorrências, *-tüpe* se posiciona após *-nãu*. Os dados em (17) exemplificam essa característica:

(17)	a.	yamuku-nãu-tüpe menino-PL-COL	‘criança masculina (meninos)’
	b.	tünexu-tãĩ-yãu-tsipie mulher-DIM-PL-COL	‘criança feminina (meninas)’
	c.	a-nu-nãu-tüpe 1PL-esposa-PL-COL	‘nossas esposas’
	d.	ü-me-nẽu-tüpe 3-marido-PL-COL	‘maridos delas’

A seguir, apresentam-se duas tabelas, uma que resume os sufixos marcadores de plural (Tabela 1) e outra com os sufixos que caracterizam referentes coletivos (Tabela 2).¹¹

¹¹ Nas tabelas (1) e (2), foram incluídos somente os morfemas, mas não seus alomorfes.

Tabela 1. Marcadores de plural

Morfemas	Traços	Referentes
-nãu	[+HUMANO] [+ANIMADO]	‘seres humanos e animais’
-tüpe	[-HUMANO] [+/-ANIMADO]	‘principalmente objetos, mas também animais’

Tabela 2. Marcadores que indicam coletivo

Morfemas	Traços	Referentes
-pühü	[+ANIMADO] [-HUMANO]	‘todo tipo de animais’
-taku	[-ANIMADO] [-HUMANO]	‘todo tipo de plantas dentro de uma área’
-püku	[+/-ANIMADO] [-HUMANO]	‘animais e plantas vistos como um todo’

A seguir, trataremos dos sufixos coletivos apresentados na Tabela 2.

4 Morfemas coletivizadores

Além dos morfemas marcadores que assinalam pluralidade, a gramática da língua mehináku registra sufixos que se juntam às bases nominais do singular para denotar entidades coletivas. As bases nominais marcadas por esses morfemas coletivizadores denotam um conjunto de entidades, visto como um todo, e não unitariamente. Encontramos essencialmente três desses sufixos: *-pühü*, *-taku* e *-püku*. Esses coletivizadores se agregam a nominais para denotar entidades inanimadas e animadas não humanas. A seguir, apresentamos uma descrição sucinta desses marcadores.

4.1 O morfema *-pühü*

O morfema *-pühü* é um sufixo que se junta a uma base singular com o valor de [+ANIMADO, -HUMANO]. A palavra formada com esse sufixo denota agrupamento ou conjunto de entidades. Genericamente, o significado das palavras que ocorrem com esse morfema pode ser interpretado como ‘conjunto de X’, conforme nos mostram os exemplos a seguir:

(18)	<i>Singular</i>	<i>Coletivo</i>	<i>Glosas</i>
	mapapulu	mapapulu-pühü	‘borboleta’
	uwa	uwa-pühü	‘urubu’
	yanumaka	yanumaka-pühü	‘onça’
	yapa	yapa-pühü	‘paca’
	ukalu	ukalu-pühü	‘tatu’
	ipiehü	ipiehü-pühü	‘capivara’
	awayulu-kuma	awayulu-kuma-pühü	‘cachorro’
	kupatü	kupatü-pühü	‘peixe’
	ahatü	ahatü-pühü	‘gafanhoto’
	apapayëi-müna	apapayëi-müna-pühü	‘animais terrestres’
	animal-CLF.terrestre	animal-CLF.terrestre-COL	

4.2 O morfema *-taku* ~ *-tsaku*

O morfema *-taku* realiza-se como *-tsaku* quando a última vogal da base nominal é a vogal coronal /i/. Esse marcador fundiona simultaneamente o papel de coletivizador e de classificador locativo.¹² Em sua função de classificador, indica ‘área’, ‘superfície’, ‘lugar’, onde existem entidades

¹² O sufixo *-taku* (e seu correspondente alomorfe *-tsaku*) não funciona apenas como coletivizador, mas também parece caracterizar o conjunto de entidades reunidas numa superfície/área de característica plana. Por exemplo: *ata-tüpe* [árvore-PL] *versus* *ata-taku* [árvore-COL] ‘floresta’.

caracterizadas com a propriedade [-ANIMADO, -HUMANO], que se aplica estritamente aos vários tipos de plantação, mas não a objetos. Os dados em (19) mostram o uso desse morfema para se referir ao tipo de planta localizado em determinada área:

- (19) mapala-kumã-taku ‘lugar onde há muito abacaxi’
kuweyulu-kumã-taku ‘lugar onde há muita aboboreira’
au-ya-taku ‘águas estagnadas (pântano)’
yana-tü-taku ‘lugar onde há muito bambu’
ata-taku ‘caatinga, lugar onde predominam
pequenas árvores’
ata-kahü-taku ‘uma área grande de capim’
ikiri-tsaku ‘lugar onde existe sapé’
akaĩ-tsaku ‘lugar com plantação de pequis’
ĩpi-tsaku ‘lugar onde se encontra muito timbó’
maiki-tsaku ‘plantação de milho, vista como área, milharal’
uleitsi-tsaku ‘roça de mandioca, mandiocal’
wayuluki-tsaku ‘lugar onde predominam as palmeiras’

4.3 O morfema -püku

Além dos sufixos *-pühü* e *-taku ~ tsaku*, existe outro que parece exercer a mesma função de marcar o coletivo. Trata-se do morfema *-püku*. Não foi possível ainda identificar as nuances semânticas entre *-taku* e *-püku*. Segundo a explicação dos falantes, quando se usa o marcador *-püku*, a palavra faz referência a um conjunto de entidades que sempre ficam em um determinado lugar. A utilização desse marcador parece ser mais geral, pois se junta a bases nominais com os traços inanimado ou animado ([-HUMANO]), conforme se pode ver nos exemplos a seguir.

(20)	maiki-püku	‘lugar onde se plantou milho, roça de milho, milharal’ ¹³
	ulei-püku	‘roça de mandioca, mandiocal’
	hüka-pana-püku	‘lugar onde se encontram folhas de tabaco, tabacal’
	ayupe-püku	‘lugar onde há plantas de algodão, algodoal’
	ai-püku	‘lugar onde abunda pimenta, pimental’
	yapa-püku	‘lugar onde ficam as pacas’
	pahü-püku	‘lugar onde ficam os macacos’
	kauta-püku	‘lugar onde se encontra muita saúva’
	pahü-püku	‘lugar onde predominam os cupinzeiros, cupinzal’

5 Quantificadores

No conjunto de dados coletado em nossa pesquisa de campo, foram encontradas palavras que podem ser vistas como quantificadores: *amunuya* ‘muitos’, *ahā-tāi* [quantidade-DIM] ‘poucos’ e *kuma* ‘muito’. Essas palavras ocorrem tanto com nomes de seres inanimados quanto animados [+HUMANO OU -HUMANO]. Essas palavras, ao receberem o sufixo *-pai*, marcador de ‘aspecto imperfectivo’ e de tempo não passado (tempo presente), podem ser traduzidas como: ‘há muito(s) X’ *versus* ‘há pouco(s) X’. Algumas construções que mostram o uso desses quantificadores são listadas a seguir.

Glosa: [Quantificador-IMPF] # núcleo nominal

(21)	amunuya-pai pahü	‘(há) muitos macacos’ ¹⁴
	amunuya-pai uwi	‘(há) muitas cobras’
	amunuya-pai tünexu-nāu	‘(há) muitas mulheres’
	amunuya-pai yamuku-nāu	‘(há) muitas crianças’
	amunuya-pai etene	‘(há) muitos remos’
	amunuya-pai pāi	‘(há) muitas casas’

¹³ Nesse caso, *maiki-püku*, se veem os pés de milho como unidades dentro de uma superfície determinada.

¹⁴ Como se observa nos dados de (21), à base *amunuya* ‘quantificador’ sufixa-se o morfema *-pai*, que indica o imperfectivo, o que é interpretado como quantificador existencial ‘há muito(s)/a(s)’.

Os exemplos a seguir mostram a ocorrência desse quantificador em construções morfossintáticas:

- (22a) watuku uku-ta amunuya pahü
 watuku flecha-VBLZ.PASS muito macaco
 ‘Watuku flechou muitos macacos’
- (22b) n-iyā-la nu-tuma-la amunuya xepi
 1SG-ir-FUT 1SG-fazer-FUT muito banco
 ‘vou fazer muitos bancos’
- (22c) nu-nupa amunuya kaipialu makula-naku
 1SG-ver.PASS muito formiga panela-LOC
 ‘vi muita formiguinha dentro da panela’

Exemplos que mostram o uso do quantificador *ahā-tāi* [quantidade-DIM] ‘pouco’ são apresentados na sequência:

Glosa: [Quantificador-DIM-IMP] # núcleo nominal

- (23) ahā-tāi-piai pahü ‘(há) poucos macacos’¹⁵
 ahā-tāi-piai tūnexu-nāu ‘(há) poucas mulheres’
 ahā-tāi-piai etene ‘(há) poucos remos’

Em (24), apresentam-se exemplos adicionais que registram a função do quantificador *ahā-tāi* ‘pouco’:

- (24a) neune-nēu ü-nuka ahā-tāi kupatü
 homem-PL 3-pegar.PASS pouco-DIM peixe
 ‘os homens pegaram pouco peixe’
- (24b) ahā-tāi neuneu iya nakai ü-u
 pouco-DIM pessoa 3.ir.PASS festa 3-DAT
 ‘poucas pessoas foram na festa’

¹⁵ A formação do quantificador existencial ‘há pouco’ sempre se dá considerando o quantificador *ahā* seguido pelos morfemas que indicam ‘diminutivo’ -*tāi* e por *p(i)ai* ‘imperfeito’.

- (24c) ahā-tāi uku kalaka-wa
pouco-DIM flecha quebrar-PERF
'poucas flechas quebraram'

A palavra *kuma*, na maioria das vezes, parece funcionar como quantificador cuja glosa em Português se interpreta como o existencial 'há muito', fato que se depreende ao se considerar os seguintes dados:

- (25a) kuma-waxü-pai makuku waku-penu-wi-ku-hā
muito-certeza-IMPF mosquito rio-LOC-PERF-DCL-ENF
'há muito mosquito na beira do rio'
- (25b) kuma-pai pahü ü-nühütü putaka-naku
muito-IMPF macaco 3-carne aldeia-LOC
'há muita carne de macaco na aldeia'
- (25c) kuma-pai uwi yakaku-ĩ-yāku
muito-IMPF cobra mato-LOC-LOC
'há muita cobra dentro do mato'

Quando a palavra *kuma-pai* é precedida pela partícula *aitsa* 'negação', a construção resulta em uma forma antônima de 'muito', ou seja, 'pouco(s)':

- (26a) aitsa kuma-pai eyu pāi-yāku-hā
NEG muito-IMPF pernilongo casa-LOC-ENF
'há pouco pernilongo dentro da casa'
(Lit. não há muito pernilongo em casa)
- (26b) aitsa kuma-pai uwi putaka-naku
NEG muito-IMPF cobra aldeia-LOC
'há pouca cobra na aldeia' (Lit. não há muita cobra na aldeia)

Ainda que os numerais da própria língua indígena não sejam mais costumeiramente usados, quando ocorrem em construções de quantificação, o numeral precede o núcleo nominal. O dependente, no caso, o numeral, não é marcado para plural, enquanto o núcleo nominal pode ser marcado para plural ou não, como se depreende dos próximos exemplos:

(27a) kayanaku aya-ta pawitsa puti-nai
kayanaku comprar-VBLZ.PASS um perna-roupa
'Kayanaku comprou um par de calças' (Lit. uma calça)

(27b) mipiyama yamuku-nãu elele-pei
dois criança-PL chorar-IMPF
'duas crianças estão chorando' / 'duas crianças choram'

(27c) mipiyama-wa-ka-pai nu-püxu-lu¹⁶
quatro-DISTR-CLF.área-IMPF 1-namorada-FEM
'tenho quatro namoradas'

(27d) Atapulu ü-nuka kamayukula araukuma
Atapulu 3-matar.PASS três galinhas
'Atapulo matou três galinhas'

6 Conclusão

Este texto é uma abordagem ainda inicial dos marcadores de pluralidade nominal na língua mehináku. O estudo mostra que essa língua segue o padrão de outras línguas arawak a respeito da marcação da categoria de número. Essa categoria é opcional, mas, quando se manifesta na gramática da língua, no contraste de número entre singular e plural, apenas o plural é marcado morfológicamente, pelos sufixos *-nãu* e *-tüpe*, enquanto

¹⁶ *nu-püxu-lu* poderia receber o morfema *-nãu*, marcador de plural, porém isso não é obrigatório, pois o elemento dependente *mipiyama* 'quatro' já indica a pluralidade.

o número singular ocorre sem marcador morfológico. Tanto *-nāu* quanto *-tüpe* têm o caráter de serem sufixos marcadores de pluralidade nominal, enquanto os sufixos *-pühü* e *-taku* funcionam mais como coletivizadores de nomes tratados como [+ANIMADO, -HUMANO]. No texto, ainda, abordou-se a distribuição de palavras interpretadas como quantificadores. Estudos posteriores sobre a categoria número nessa língua poderão esclarecer melhor a função mais precisa de cada um dos morfemas analisados no presente capítulo.

Referências

AIKHENVALD, Alexandra. The Arawak language family. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Eds.). **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University, 1999. cap. 3, p. 65-106.

BRANDÃO, Ana Paula P. B. **A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)**. 2014. 457 f. Tese (Doutorado em Linguística). University of Texas at Austin, Austin, 2014.

CORBETT, Greville G. **Number**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 358 p.

CORBETT, Greville G. **Features**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. 322 p.

DANIELSEN, Swinthia. **Baure. An Arawak language of Bolivia**. Leiden: CNWS publications, 2007. 478 p.

DRYER, Matthew S. Plural words. **Linguistics**, Berlim, v. 17, n. 1, p. 865-895. 1989.

Disponível em: <https://doi.org/10.1515/ling.1989.27.5.865>. Acesso em 3 fev. 2020.

DRYER, Matthew S. Coding of nominal plurality. *In*: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/33>. Acesso em: 19 jan. 2020.

FRANCHETTO, Bruna. Línguas e história no Alto Xingu. *In*: FRANCHETTO, Bruna HECKENBERGER, Michael. (Eds.). **Os povos do Alto Xingu**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. cap. 4, p. 111-156.

HANSON, Rebecca. **A grammar of Yine (Piro)**. 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Linguística). La Trobe University, Austrália, 2010.

HASPELMATH, Martin. Occurrence of nominal plurality. *In*: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/34>. Acesso em: 19 jan. 2020.

INTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas no Brasil: 2011-2016**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017. 827 p.

PAYNE, David L. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. *In*: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K, (Ed.). **Handbook of Amazonian Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991. v. 3, p. 355-499.

POSTIGO, Adriana V. **Língua Wauja (Arawák)**: uma descrição fonológica e morfossintática. 2014. 244 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.

RAMIREZ, Henri. **Línguas Arawak da Amazônia Setentrional**: Comparação e Reconstrução. Manaus: EDUA, 2001. 798 p.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas brasileiras:** para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986. 134 p.

SEKI, Lucy. The Upper Xingu as an incipient linguistic area. *In:* DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Ed.). **The Amazonian languages.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Cap. 15, p. 416-430.

SNELL, Betty A. **Pequeño diccionario Machiguenga-Castellano** (Documento de Trabajo 32). Lima: ILV, 1998.

STEINEN, Karl von de. **Entre os aborígenes do Brasil central.** São Paulo: Departamento de Cultura, (1894[1940]).

TAYLOR, Douglas. The nominal plural in Arawak. **International Journal of American Linguistics,** Chicago, v. 42, n. 4. p. 371-374. 1976.

Abreviaturas

ART	artigo
ATB	atributivo
AU	aumentativo
CLF	classificador
COL	coletivo
DAT	dativo
DCL	declarativo
DEM	demonstrativo
DIM	diminutivo
DISTR	distribuído
ENF	ênfase, enfático
EST	estativo
FEM	feminino

FUT	futuro
IMPF	imperfectivo
LOC	locativo
NEG	negativo
PASS	passado
PERF	perfectivo
PL	plural
POSS	possessivo
PRO	pronominal
REFL	reflexivo
SG	singular
VBLZ	verbalizador
1	1 ^a pessoa
2	2 ^a pessoa
3	3 ^a pessoa
#	fronteira de palavra interna no Sintagma Quantificador

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos colegas citados abaixo a gentileza de terem feito a avaliação crítica e construtiva dos textos desta coletânea:

Prof. Dra. Ana Carolina Hecht
Universidad de Buenos Aires (UBA), CONICET e INAPL

Prof. Dra. Ana Paula Barros Brandão
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. José Pedro Viegas Barros
Universidad de Buenos Aires (UBA)

Prof. Dra. Luciana Raccanello Storto
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dra. Marcia Niederauer
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. María Alejandra Regúnaga
Universidad Nacional de La Pampa (UNLPam) e CONICET

Profa. Dra. Marina Garone Gravier
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Profa. Dra. Rocío Martínez
Universidad de Buenos Aires (UBA) e CONICET

Profa. Dra. Stella Telles
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça
Universidade de Brasília (UnB)

Agradecemos igualmente ao Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira, presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), o importante apoio dado durante o congresso ALFALito 2018, ocorrido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no qual os presentes textos foram inicialmente apresentados em comunicações orais.

Agradecemos ainda à Editora Universidade de Brasília (EDU), especialmente à Profa. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa, sua diretora, o excelente suporte dado a esta publicação, sem o qual ela não seria possível.

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES



Adriana Speranza obtuvo el Posdoctorado en el Programa de Posdoctorado en Ciencias Humanas de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires y el Doctorado en Lingüística por la misma Universidad. Profesora Titular de Lingüística en la Universidad Nacional de Moreno; Profesora Adjunta de Lingüística en la Universidad Nacional de La Plata; Investigadora Asociada de la Comisión de Investigaciones Científicas de la provincia de Buenos Aires (CIC); Directora de la Carrera de Especialización en Lectura y Escritura; Directora de la Subsección de la Cátedra UNESCO en la Universidad Nacional de Moreno y Coordinadora-Vicedecana de la Licenciatura en Comunicación Social de la misma Universidad. Desarrolla su tarea docente y de investigación en el campo de la Lingüística y de la Sociolingüística, específicamente, su trabajo se orienta hacia la variación lingüística, el contacto de lenguas y su impacto en la educación. Una vertiente de los principales estudios desarrollados en sus investigaciones se orienta hacia el análisis de la evidencialidad en el español americano. En este

campo teórico ha investigado diferentes casos de variación lingüística en distintas variedades del español americano.

E-mail: paglispe@gmail.com



Angel H. Corbera Mori é professor no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituição onde atua na graduação e na pós-graduação, e lidera o Grupo de Pesquisa “ESTUDO DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS” (CNPq). É professor colaborador no Programa de Doutorado em Linguística da Universidade Nacional Mayor de San Marcos (Lima, Peru). Tem como foco de pesquisa o estudo das Línguas Ameríndias, Línguas Arawak, Tipologia Linguística, Morfologia, Sintaxe Tipológico-Funcional. Também é editor da Revista *LÍNGUAS INDÍGENAS AMERICANAS (LLAMES)*.

E-mail: corbera.mori@gmail.com



Arthur Britta Scandelari é Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Estudante do grupo de pesquisa “Núcleo de Tipologia Linguística” (NTL/CNPq). Graduando em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (UnB). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pós-graduado em Direito Internacional

pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: scandelari@gmail.com



Dionei Moreira Gomes é Professor Associado 4 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisa línguas indígenas, português do Brasil e língua brasileira de sinais (Libras). Atua também na formação inicial e continuada de professores. Concluiu mestrado e doutorado em Linguística na UnB, tendo sido, durante este último período de formação, pesquisador visitante nos seguintes centros de pesquisa franceses: Centre d'Études de Langues Indigènes d'Amérique (CELIA/Paris) e Laboratoire Dynamique du Langage (DDL/Lyon). Foi coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) do curso de Letras e coordenou o Programa de Pós-graduação em Linguística da UnB (mestrado e doutorado) no biênio 2012-2013. É líder do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Tipologia Linguística (NTL)” (CNPq) e coordena, junto com a Profa. Dra. Alejandra Regúnaga, o Projeto 9 “Diversidade linguística na América (Línguas Ameríndias)” da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL).

E-mail: dionei98@gmail.com



Ivan Rocha trabalha com descrição de línguas indígenas amazônicas. Atualmente é pesquisador visitante no Museu Goeldi (MCTIC/CNPq/PCI), trabalhando com descrição e documentação do léxico Karitiana. Realizou estágio pós-doutoral na USP com bolsa PNPd/CAPES (2017—2019), com o tema “tempo e aspecto em orações não-finitas em Karitiana”, supervisionado pela Profa. Dra. Ana Müller; foi pesquisador visitante na Universidade do Texas com uma bolsa de pesquisa FAPESP/BEPE (2014—2015). Obteve o doutorado com bolsa FAPESP (2016) e mestrado em Linguística com bolsa CNPq (2011) pela Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Storto. Possui também graduação em Linguística (2008) pela mesma universidade com bolsa de pesquisa da Fundação Volkswagen do Brasil.

E-mail: ivanrochaxxi@gmail.com



Jackeline do Carmo Ferreira possui graduação em Licenciatura no curso de Letras com habilitação em Português e em Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2010-2013) e mestrado em Linguística, na área de línguas Indígenas, pela Universidade Estadual de Campinas (2015-2017), quando foi bolsista CAPES. Atualmente, é doutoranda do programa de linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, sob orientação do professor Dr. Angel H. Corbera

Mori, também na UNICAMP. Tem como foco de pesquisa a área de Línguas Indígenas, com ênfase nas línguas da família Arawak, Tipologia Linguística e Descrição Linguística.

E-mail: jackelinedocarmoferreira@gmail.com



Marcelo Pagliaro es Licenciado y Profesor en Antropología (UBA). Ha desarrollado trabajos de investigación en el campo de la Antropología económica en la localidad de Miyuyoc, provincia de Jujuy. Como docente investigador ha participado en distintos proyectos vinculados a la diversidad cultural y lingüística en el marco de las convocatorias del INFD y en proyectos radicados en la Universidad Nacional de Moreno. Ha ocupado el cargo de Consultor en el Proyecto *Becas Alumnos Indígenas*, INFD, MECyT de la Nación y como Especialista Técnico Regional del Área Antropología por la DGE de la provincia de Buenos Aires. Actualmente se desempeña como docente en el Curso de Orientación y Preparación Universitaria de la Universidad Nacional de Moreno y en establecimientos de formación docente de la provincia. Algunas de sus publicaciones son: *Claude Lévi-Strauss y el estructuralismo* (2018); *La enseñanza del español en contextos de diversidad lingüística* (en colaboración, 2018); *Reflexiones sobre la diversidad lingüística y cultural en el conurbano bonaerense* (en colaboración, 2015), entre otros.

E-mail: marcelo.pagliaro@yahoo.com.ar



María Alejandra Regúnaga es Doctora en Letras (2011) por la Universidad Nacional del Sur (Bahía Blanca, Argentina). Es profesora e investigadora en la Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de La Pampa (Argentina), en las áreas de Linguística teórica y descriptiva, y directora del Instituto de Linguística en esa misma institución. En dicho ámbito dirige proyectos de investigación sobre lenguas indígenas patagónicas y otras lenguas minoritarias/minorizadas. Es investigadora adjunta en el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), donde desarrolla investigaciones relativas a la descripción de lenguas indígenas en peligro de desaparición/desaparecidas de la Patagonia Sur a través de fuentes documentales, principalmente misioneras. Coordina, junto con el Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, el Proyecto 9 “Diversidad lingüística en América (Lenguas Ameríndias)” de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL).

E-mail: aregunaga@gmail.com



Sivaldo Correia é Bacharel em Letras e Mestre em Linguística pela UFPE. Atualmente é Doutorando em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco, com Doutorado Sanduíche (CAPES) na University of Oregon. É membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Indigenistas da UFPE (NEI) e desenvolve

pesquisas na área de morfossintaxe e descrição da língua Kithãulhu (família Nambikwara).

E-mail: sivaldocorreia@gmail.com



Zarina Estrada Fernández Ph.D en Lingüística-Sintaxis por la Universidad Arizona (Tucson, 1991). M.A. en Lingüística-Sintaxis (Universidad de Arizona, 1989). Licenciada en Lengua y Literatura Españolas, especialidad en Lingüística Hispánica (Universidad Nacional Autónoma de México, 1975). Es profesora-investigadora de la Universidad de Sonora en la Licenciatura y Maestría en Lingüística así como en el Doctorado en Humanidades. Es una académica reconocida especialmente por la investigación que ha desarrollado sobre lenguas de la familia yuto-azteca habladas en el noroeste de México. Sus trabajos de investigación se caracterizan por la integración de la perspectiva tipológica y la diacrónica en el análisis descriptivo de las estructuras gramaticales; asimismo, ha contribuido a la documentación lingüística de lenguas escasamente estudiadas y de lenguas minoritarias, tomando en consideración no solo la preservación lingüística sino también la del contexto etnocultural. Ha participado y participa en proyectos colectivos de registro lingüístico, preservación y documentación digital financiados por CONACYT (México), CNRS

(Francia), Max Planck Institute for the Science of Human History (Alemania) y la Universidad de Sonora (México). Entre sus publicaciones destacan 9 libros de autoría personal, 29 codirecciones de libros, 52 capítulos de libros, varios de ellos en editoriales de reconocido prestigio (John Benjamins, Mouton de Gruyter), 36 artículos publicados en revistas de arbitraje internacional. Ha dirigido más de 45 trabajos de tesis. Ha sido reconocida por el Sistema Nacional de Investigadores del CONACYT, por la Sociedad Lingüística de América y por la Universidad de Sonora.
E-mail: zarinaef@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

Por se tratar de uma obra digital, as línguas e os termos deste índice remissivo podem ser encontrados por meio das ferramentas de busca do leitor de textos.

Línguas

A

Acoma
Alakalufe (Alacalufe)
Alantesu
Alikoolip
Ãpyāwa
Arawak
Asháninka
Ashéninka

B

Baure

C

Chemehuevi
Chilidago
Comanche
Cora
Cupeño

G

Guajá
Guaraní
Guarijío

H

Hahāntesu
Halakwulup
Halotesu
Hoava
Huichol
Hukuntesu

I

Iñapari

K

Kamaiurá
Karitiana
Katitãulhu
Kawaiisu
Kawesqar (Kaweskar)
Kithãulhu
Kustenáu (Kustenu)

L

Lakondê
Latundê
Lihir

M

Machiguenga
Maipure
Mamaindê
Mapuche
Mapuzungun
Mayo
Mehináku (Mehinaku)
Mexicanero
Mundurukú

N

Náhuatl
Nambikwara do Cerrado
Nambikwara do Sul
Navajo
Negarotê
Névome
Nheengatú
Nijaklosu
Nomatsiguenga

O

O'odham
Odami

P

Pápagu
Paresi
Pima Bajo
Piro

Q

Quechua
Quichua

S

Sabanê
Saráre
Sawentesu
Selk'nam
Siwaisu
Sowaintê

T

Tagalog
Tamil
Tapirapé
Tarahumara
Tawandê
Tehuelche
Tepehuano del norte
Tepehuano del sureste
Terena
Tsoneca
Tulatülabal
Tupinambá

U

Unua
Ute

W

Waikisu

Wakalitesu

Wasusu

Waurá

Y

Yagán

Yapese

Yaqui

Yawalapití (Yawalapiti)

Yine

Termos

A

adjunto
adposição
ágrafo
alfabeto
alienabilidade
alienável
anglicano
animacidade
Antropología
argumento
aspecto

C

cambio diacrónico
codificación
coletivizador
coletivo
comparativo (análisis)
complemento de cópula
contacto lingüístico
contável
continuum
creatividade

D

dependent-marking (marcação no dependente)
desplazamiento
diccionario
documentación

E

escala
Etnografía

F

finito
fonético
fonotípico
frecuencia (del comportamiento)

G

genética
gramaticalización

H

head-marking (marcação no núcleo)
historia
historiografía

I

identidad
inalienável
isomorfismo

J

jerarquía de animidad

L

Linguística Histórica

M

método comparativo
método da reconstrução interna
método reconstrutivo sincrônico
migración
misión
misionero
multifuncional

N

número

O

oração encaixada
oração matriz
ortografia

P

perfeito
pluralidade (nominal)
posposição
posse
possuído (não possuído)
pragmática
predicado
princípio comunitario
proceso de cambio
prospectivo
protocolo
protótipo

Q

quantificador

R

religião
representação grafemática
revitalización

S

santiagoño
sintagma posposicional
sistema (fonético)
Sociolingüística
subdiferenciação
superdiferenciação
supradiferenciação

T

taller de lengua
tempo
temporalidade
terminologia
tipologia

V

valência